

1 Introdução

"Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: / 'Navegar é preciso, viver não é preciso' / Quero pra mim o espírito desta frase, / transformada a forma para a casar com o que eu sou: / Viver não é necessário; / o que é necessário é criar." Este é o início de um dos mais famosos poemas do português Fernando Pessoa, *Navegar é preciso*. E estes primeiros versos cabem perfeitamente no poeta que está aqui em discussão: Paulo Leminski. Ele foi um poeta que viveu em excessos e traduziu suas vivências em poemas concisos. Não conheceu a Internet, mas construiu embarcações que se adequam perfeitamente às ondas da contemporaneidade.

Esta tese de doutorado nasceu de um profundo interesse pessoal pela obra e pela vida de Paulo Leminski e um fato curioso que começou a ser observado por mim em 2009: a presença do poeta na internet. Tal observação começou pelo Twitter, *microblog* que permite a cada usuário postar 160 caracteres por *tweet*. Ao descobrir que Leminski tinha um perfil neste *microblog* administrado por alguém que postava apenas poemas que cabem nos caracteres determinados pelo Twitter (e, se considerarmos a obra de Leminski, não são poucas opções de poemas que se encaixam nesta determinação), a paixão pela obra do poeta transformou-se em curiosidade acadêmica.

Ao longo dos cinco anos em que essa pesquisa foi desenvolvida, a frequência dos *tweets* publicados pelo perfil @leminski teve um crescimento exponencial significativo, seguido de uma estabilização. No dia 15 de outubro de 2009, o perfil de Paulo Leminski no Twitter contava com 2.767 seguidores e já tinha publicado 154 *tweets*; no dia 15 de novembro de 2012, eram 32.680 seguidores e 502 *tweets* publicados; e no dia 15 de julho de 2014, o número de seguidores estava em 37.478 e os *tweets* publicados somavam 568. Vemos que, de 2009 para 2012, o número de seguidores do perfil de Leminski no Twitter teve um crescimento de mais de 1000%, enquanto a taxa de crescimento entre 2012 e 2014 ficou em apenas 14%. O

número de *tweets* cresceu mais de 200% entre 2009 e 2012, mas o crescimento entre 2012 e 2014 ficou em 13%.

Também vimos, no decorrer da pesquisa, o aparecimento e o desaparecimento de um aplicativo para Facebook chamado *Leminski do dia*. Pudemos acompanhá-lo apenas durante três anos (veremos isso detalhadamente no Capítulo 4 desta Tese).

Esses dados poderiam soar um tanto quanto desapontadores, mas a verdade é que, não importando o meio, a presença de Leminski na internet cresce a cada dia nas mais variadas formas. As estatísticas que conseguimos calcular no Twitter são muito mais difíceis de serem mensuradas no Facebook, se você não é o administrador de uma página temática ou de um aplicativo. Mas vamos dar um exemplo da força que Leminski tem hoje nesta rede social. Abaixo, vemos uma postagem feita por volta da meia-noite do dia 16 de julho de 2014:



Figura 1 - Poema de Leminski com mais de mil curtidas 14 horas após a publicação

Este poema está presente no livro *O ex-estranho*, reproduzido na página 346 da reunião da obra poética de Leminski chamada *Toda poesia* (2013a). Quatorze horas após a postagem do mesmo em uma das páginas dedicadas ao poeta no Facebook, o poema já tinha sido aprovado por 1603 pessoas e compartilhado por 238 pessoas.

Ainda que a queda do ritmo das postagens no perfil de Paulo Leminski no Twitter seja significativa, o exemplo descrito anteriormente nos leva a constatar que

tal diminuição de audiência é um reflexo maior da queda do uso do Twitter – queda que não se verificou no uso do Facebook¹.

Onde quer que procuremos, há muito sobre Leminski na internet. Como bem observou um de seus biógrafos, Domingos Pellegrini no livro *Minhas lembranças de Leminski* (2014, p. 178):

Graças a essa infinita biblioteca eletrônica que é a internet, muro imenso para ‘grafitagem’ sem fim, podemos ter dele, rodando e jorrando por aí, poemas, fotos, textos, falas, recados, rabiscos, performances que, por mais mal filmadas, são melhores do que nada. Seria tão interessante saber como Gregório de Matos era recebido nas casas onde ganhava hospedagem soberba e retribuía com seu humor corrosivo! Pois de Leminski muito podemos saber, o mito cresce e se remexe na internet.

Quando realizávamos a pesquisa para o projeto que viria a se tornar esta tese, encontramos uma reportagem publicada em *O Estado de São Paulo* no dia 25 de setembro de 2009. Intitulada “*Haikais* em forma de *Twitter* e Saraus celebram Leminski”, ela detalha um encontro onde artistas interagem com o público, criando “*twitcais*” em tempo real, enquanto o público era convidado a fazer o mesmo. Como já previa Benjamin (1994a, p. 184): “a diferença essencial entre autor e público está a ponto de desaparecer. Ela se transforma numa diferença funcional e contingente. A cada instante, o leitor está pronto a converter-se num escritor”.

A reportagem vai além, resgatando Leminski a partir dos eventos organizados para lembrar os 20 anos de sua morte e também por sua presença no *Twitter*. A poeta Alice Ruiz, que foi casada com Leminski por 20 anos, mãe de seus filhos e parceira em boa parte de sua obra, declarou:

É muito difícil pensar nisso (Leminski no Twitter). Ele nem chegou perto do computador, fazia em máquina de escrever. O Paulo era louco pela palavra, por escrever. Mas, ao mesmo tempo que era de vanguarda, cultivava grande apreço pelos velhos sistemas. Não sei se faria poemas na internet, não sei responder a essa questão, mas desconfio que não. Acho que ele preferia criar do jeito tradicional e passar para alguém processá-lo.

A julgar por esta declaração, Leminski não cultuava as tecnologias, embora a linguagem usada na maioria de seus poemas refletisse um momento em que o avanço técnico industrial levava a uma linguagem mais concisa e fragmentada.

¹ Basta olharmos reportagens que datam do final de 2011 e do início de 2012 sobre a queda de usuários do Twitter e o crescimento exponencial do Facebook. Disponível em <<http://www.comscore.com/por/Insights/Press-Releases/2012/1/Facebook-Blasts-into-Top-Position-in-Brazilian-Social-Networking-Market>> e em <<http://www.comscore.com/por/content/search?SearchText=facebook&searchSubmit=Search>>. Acesso em 15 jul 14.

Assim, o que começou como uma curiosidade acadêmica específica sobre o Twitter, acabou virando uma pesquisa sobre 3 focos de Leminski na internet: (1) o próprio Twitter, (2) o Facebook e sua infinidade de representações e (3) o site Kamiquase, de Elson Fróes, que foi amigo do poeta e é quem coordena desde 1999 o principal arquivo digital sobre a obra de Leminski disponível para qualquer pessoa na rede.

Paralelo ao ambiente virtual, tivemos uma grande surpresa no ano de 2013: a obra poética de Leminski foi lançada em um livro chamado *Toda poesia* e virou *best-seller*². Logo ele, que dizia que:

O puro valor da palavra está na poesia. Por isso, é sempre considerada mercadoria difícil. ‘Poesia não vende’ é um dos mandamentos do Decálogo mínimo de qualquer editor sensato. Pois não vende mesmo. O destino da poesia é ser outra coisa, além ou aquém da mercadoria e do mercado. (LEMINSKI, 2012, p. 46)

Entretanto, engana-se quem, a partir desta declaração do poeta, pensa que Leminski era um daqueles poetas macambúzios, que fugiam dos holofotes. Ele queria ser lido. Queria que sua poesia estivesse viva, em movimento. Que fosse discutida e comentada. Iremos nos aprofundar neste assunto no terceiro capítulo. Por ora, podemos completar com o pensamento de Pellegrini sobre o sucesso de *Toda poesia*:

(...) Polaco³ também foi precursor e praticante fiel duma interarte, a interação entre poeta e leitor, tão praticada hoje na internet. Mais que isso, andar com poemas ‘debaixo do braço’, como ele dizia, era um estandarte de sua missão artística, ‘poeta 27 horas por dia’.

Assim, o sucesso de *Toda poesia* não é surpreendente para quem sabe que Leminski publicou não apenas poemas antenados em técnicas expressivas, mas também selecionados pela viva aprovação dos leitores. (PELLEGRINI, 2014, p.59)

Em 2014, também aconteceu outro lançamento: *O bicho alfabeto*⁴, que reúne 26 poemas de Leminski com ilustrações de Ziraldo, voltado para o público infantil. E não podemos esquecer que a Companhia das Letras, além de lançar em 2013 o livro *Toda poesia*, também editou *Vida: Cruz e Sousa, Bashô, Jesus e Trótski – 4 biografias*, reunindo as biografias que Leminski escreveu durante a vida e que sonhou em vê-las publicadas algum dia em um único volume.

² Como podemos conferir em <<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/17/mais-pop-que-50-tons-de-cinza-livro-apresenta-leminski-complexo-a-geracao-do-facebook.htm>>. Acesso em 15 jul 14.

³ Polaco é o apelido pelo qual Domingos Pellegrini chamava o amigo Paulo Leminski.

⁴ Como podemos conferir em <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2014/06/1469811-ziraldo-ilustra-haicais-de-paulo-leminski-em-o-bicho-alfabeto.shtml>>. Acesso em 15 jul 14.

Não poderíamos, portanto, ignorar a reatualização de Leminski, tanto no ambiente virtual quanto nos lançamentos em livro. É de extrema importância que o poeta tenha sua obra estudada e que seus poemas não caiam no esquecimento.

Ao longo desta tese, iremos resgatar discussões que englobam as relações entre arte e tecnologia. No primeiro capítulo, retomando teóricos como Edmond Couchot, Marshall McLuhan, Vilém Flusser, Arlindo Machado e Lev Manovich, iremos tentar entender como as antigas formas de arte – como a literatura e a poesia, especificamente – estão sendo modificadas pela tecnologia.

Iremos também ver como a internet vem realizar, em parte, um antigo projeto das vanguardas: o de inserir arte (no caso, poesia), no cotidiano das pessoas comuns. Este sonho de se integrar a arte no cotidiano, em certa medida, parece realizar-se no momento atual e parece ganhar força (e avançar mais rápido do que os vanguardistas jamais sonharam) com o advento tecnológico proporcionado pela internet e pelas redes sociais. Entretanto, esse acesso fácil a um mar de textos não deriva de um projeto político de transformação da sociedade e não está imune aos males provocados pelos excessos, inclusive o excesso de dados, que podem se perder em combinações infundáveis. Será que Paulo Leminski alguma vez imaginou-se exposto em um *site* intitulado *Pensador*⁵, tendo fragmentos de suas obras oferecidos aos “leitores” dentre mais de 952 mil frases, poemas e pensamentos? Será que a fragmentação da poesia na internet carrega consigo novos modos de leitura, suscitados pelos novos suportes, que apontam para uma mudança substancial na fruição do texto poético – uma fruição mais fragmentada, menos aprofundada, mas, entretanto, cotidiana? Acreditamos que, mesmo sem respostas definitivas, estas questões precisam ser levantadas.

É curioso observar como a obra de Leminski acaba por se encaixar, vinte e cinco anos após a sua morte, no perfil do poeta no *microblog* Twitter e em páginas dedicadas a ele na rede social Facebook. Isto se deve ao fato de sua obra ser constituída por um estilo de poesia concisa, de caráter quase confessional como um diário, que cabe nos 160 caracteres exigidos pelo Twitter e na correria dos usuários do Facebook. Entretanto, no decorrer da análise veremos que, mais do que

⁵ Disponível em < <http://pensador.uol.com.br/>>. Para a página específica sobre Leminski neste site, ir para < <http://pensador.uol.com.br/leminski/>>. Acesso em 30 jun 14.

relembrar a obra do Leminski, o ambiente virtual acaba por atualizá-la, inserindo-a num contexto completamente diferente – e, quiçá, até mesmo contraditório – daquele em que fora criada.

A ligação entre arte e tecnologia foi abordada por Arlindo Machado, em seu livro *Arte e Mídia* (2008, p. 7 e 8), que a definiu como:

(...) experiências de diálogo, colaboração e intervenção crítica nos meios de comunicação de massa. Mas, por extensão, abrange também quaisquer experiências artísticas que utilizem os recursos tecnológicos recentemente desenvolvidos, sobretudo nos campos da eletrônica, da informática e da engenharia biológica. Incluímos, portanto, no âmbito da artemídia não apenas os trabalhos realizados com mediação tecnológica em áreas mais consolidadas, como as artes visuais e audiovisuais, literatura, música e artes performáticas, mas também aqueles que acontecem em campos ainda não inteiramente mapeados - como a criação colaborativa baseada em redes, as intervenções em ambientes virtuais ou semivirtuais, a aplicação de recursos de hardware e software para a geração de obras interativas, probabilísticas, potenciais, acessáveis remotamente, etc.

Assim, diferentes manifestações desta interseção entre arte e mídia tornam-se, na atualidade, um vasto campo de estudos, no qual destacamos a relação que começa a se delinear entre a literatura e a internet; entre a poesia concreta e o meio digital, entre a concisão do *haikai* e a limitação de um *microblog*, entre os textos de Leminski e o imenso mundo da internet. Cabe lembrar, entretanto, que Walter Benjamin, no ensaio *A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica* já chamava a atenção para o fato de que determinadas formas artísticas dependem de avanços técnicos para se realizarem plenamente: “a história de toda forma de arte conhece épocas críticas em que essa forma aspira a efeitos que só podem concretizar-se sem esforço num novo estágio técnico, isto é, numa nova forma de arte” (1994a, p. 192).

No segundo capítulo, para compreender o que significa ler Paulo Leminski no Twitter, no Facebook e no site Kamiquase, questão central desta tese, tornou-se necessário uma contextualização da época em que Leminski viveu e produziu a sua obra, levando em consideração o diálogo que seus poemas travaram, principalmente, com o Concretismo e com a Tropicália.

O Concretismo teve uma presença significativa na vida e na obra de Leminski. O movimento começou quando os irmãos Campos (Augusto e Haroldo), junto com Décio Pignatari, publicaram, em 1956 na revista *AD – Arquitetura e Decoração*, o “Manifesto Concretista”, uma tentativa de resgatar o experimentalismo que caracterizou a estética das vanguardas do início do século

XX, contrapondo-se à poesia da Geração de 45, que havia voltado ao verso tradicional.

Por outro lado, nos anos 1960, a poesia contracultural, em sua vertente mais engajada politicamente, optava, muitas vezes, pela forma poética tradicional, com o objetivo de atingir o maior número possível de pessoas, visando transmitir mensagens voltadas para a construção de um mundo diferente: o objetivo era mais a transformação da sociedade do que da forma poética.

Assim, a Geração de 45 e a Contracultura têm em comum, na poesia, o fato de recorrerem ao verso tradicional, que o Concretismo dos irmãos Campos combatia desde meados dos anos 1950.

Em 1963, neste contexto de correntes poéticas, Paulo Leminski, aos 19 anos, participou do I Congresso Brasileiro de Poesia de Vanguarda em Belo Horizonte (MG), onde conheceu Haroldo de Campos. Em 1964, Leminski publicou cinco poemas na revista *Invenção*, dirigida por Décio Pignatari. A ligação de Leminski com o Concretismo, portanto, começava a ganhar forma aí.

Leminski se aproxima do Concretismo, quando atenta para a questão da forma do poema, e se afasta dele quando aborda algumas temáticas mais engajadas politicamente. Ao mesmo tempo, Leminski, segundo Antonio Risério (1990), também se aproxima da contracultura quando toma como referência a cultura oriental, seja em sua obra quando adota os *haikais*, seja na vida, quando persiste com o judô até tornar-se faixa preta. E, ao eleger os *haikais*, contraditoriamente e conseqüentemente, Leminski aproxima-se novamente do Concretismo e de sua experimentação na forma, através da qual o movimento buscava se inscrever no horizonte da civilização técnica. Diz Décio Pignatari, em texto de 1959: “Portanto, os poetas, que calem suas lamúrias pessoais ou demagógicas e tratem de construir poemas à altura dos novos tempos, à altura dos objetos industriais racionalmente planejados e construídos” (CAMPOS; CAMPOS; PIGNATARI, 2006, p. 176).

Eis que o movimento tropicalista surge no final dos anos 1960, como uma alternativa à poesia engajada. Este movimento utiliza-se do deboche e da ironia para privilegiar o momento presente, distanciando-se da luta da esquerda engajada por um mundo melhor. A aproximação de Leminski com a Tropicália, como veremos

melhor no Capítulo 2, se dá pelo uso indiscriminado de elementos que parecem, à primeira vista, excludentes. Enquanto a Tropicália mistura a música popular brasileira com o som estridente das guitarras estrangeiras, Leminski também mistura suas influências pop e eruditas para compor sua poesia. E ambos sabiam utilizar-se da linguagem dos meios de comunicação de massa e dos próprios meios para promover suas obras e a si mesmos.

No desdobramento desta tese, teremos de levar em conta que o fato de se resgatar a obra de Leminski através da internet não tem, na contemporaneidade, nenhum caráter contracultural. Ao contrário, parece estar totalmente inserido na sociedade em voga, ou, como observou Arlindo Machado:

Esse movimento é complexo e contraditório, como não poderia deixar de ser, pois implica um gesto positivo de apropriação, compromisso e inserção numa sociedade de base tecnocrática e, ao mesmo tempo, uma postura de rejeição, de crítica, às vezes até mesmo de contestação. A arte, ao ser excluída dos seus guetos tradicionais, que a legitimavam e a instituíam como tal, passa a enfrentar agora o desafio da sua dissolução e da sua reinvenção como evento de massa. (2008, p. 30)

Importante também frisarmos que esta tese não pretende monitorar a recepção de Leminski por seus novos leitores – quer sejam eles reais ou virtuais. O que nos interessa aqui é pesquisar como a obra dele está sendo difundida no ambiente virtual e não como são recebidas (e percebidas) pelos leitores.

No terceiro capítulo, mergulharemos na vida e na obra de Leminski para tentar entender a formação de um dos poetas mais reconhecidos da literatura brasileira do século XX. O poeta multimídia – professor de história e literatura, tradutor, jornalista, publicitário, biógrafo e faixa-preta de judô – sabia manejar diversas linguagens dos meios de comunicação de massa e adequá-las ao que desejava. Isso em uma época em que o jornalismo e a publicidade ainda estavam atingindo seu *status* de profissões reconhecidas por cursos universitários. Iremos ver como o poeta conciso se transforma no escritor verborrágico da prosa (ainda hoje) experimental *Catatau* (1976). Será que estar à frente de seu tempo fez com que Leminski tivesse seu reconhecimento atingido nos anos 2010?

No quarto capítulo, poderemos então analisar a presença constante da obra de Leminski no Twitter, no Facebook e no site Kamiquase, tendo em mente as considerações dos teóricos com os quais dialogamos no primeiro capítulo, sobre a relação entre arte e tecnologia.

Aí então será possível nos encaminharmos para uma conclusão da tese que, sem dúvida, não ficará limitada ao texto que encerra este curso de doutoramento. Esta é uma pesquisa que pretendemos continuar e aprofundar, visto que novidades tecnológicas aparecerão o tempo inteiro e irão carregar em sua embarcação um pouco de Leminski.